



REINO UNIDO

Britânico de ascendência síria atropela e esfaqueia membros da comunidade judaica, em frente a templo, em Manchester (norte), antes de ser abatido pela polícia. Duas pessoas morrem e quatro ficam gravemente feridas. Vizinho fala ao **Correio**

Terror ataca sinagoga em feriado sagrado

» RODRIGO CRAVEIRO

O Yom Kippur, dia mais sagrado para os judeus, foi de horror para os frequentadores da Heaton Park Hebrew Congregation, uma sinagoga localizada no bairro de Crumpsall, em Manchester (norte da Inglaterra). Às 9h31 (5h31 em Brasília), um homem lançou o carro que dirigia contra um grupo de pedestres que estava do lado de fora do templo, na Middleton Road. Depois, desceu do veículo, prosseguiu o ataque utilizando uma faca e tentou invadir a sinagoga. O rabino Daniel Walker conseguiu improvisar uma barricada e impedir que o suspeito invadisse o prédio, lotado de membros da congregação. O atentado matou dois integrantes da comunidade judaica e feriu gravemente quatro. As forças de segurança demoraram apenas sete minutos para chegar ao local da ocorrência. As autoridades do Reino Unido anunciaram que investigam o caso como “terrorismo” e divulgaram a identidade do extremista: Jihad Al-Shamie, 35 anos, um cidadão britânico de ascendência síria.

Um vídeo divulgado pelas redes sociais mostra dois policiais apontando as armas para o homem, deitado no chão. Um dos agentes grita com pedestres, que observavam a cena do outro lado da grade: “Todo mundo, afaste-se, ele tem uma bomba, vão embora!”. Atrás de um carro, junto da calçada, um idoso aparece caído em meio a uma poça de sangue. Ao tentar se levantar, o suspeito é executado pelo policial. No fim da tarde de ontem, a Polícia da Grande Manchester também informou as prisões de três pessoas — dois homens por volta dos 30 anos e uma mulher de cerca de 60 — suspeitas de “cometer, preparar e instigar atos terroristas”.

Vizinho da sinagoga, o jornalista Josh Aronson, 39 anos, contou ao **Correio** que escutou tiros e as sirenes de ambulâncias. “Moro do outro lado da rua e imediatamente percebi que algo estava acontecendo. Corri para fora do meu apartamento e recebi ordens das autoridades de não voltar. Neste momento, estou na rua”, afirmou, 11 horas após o ataque. “Esta é a sinagoga em que rezo com frequência. O atentado criou um imenso choque na comunidade judaica. Nunca imaginei que algo assim na porta de minha casa. Como é uma data sagrada, muitos judeus se distanciam do celular e se dedicam às orações.” Durante o Yom Kippur, chamado de Dia do Perdão ou Dia da Expição, os judeus se absterem de comida e bebida, não lavam nem untam o corpo, não usam calçados de couro e praticam abstinências sexual.

De acordo com Aronson, o rabino Daniel Walker parecia chocado, mas bem. “Ele tinha manchas de sangue na túnica usada durante as orações. O rabino é uma pessoa incrível, um cara realmente ótimo

Paul Currie/AFP



Com as vestes sujas de sangue, o rabino Daniel Walker (terceiro, da esquerda para a direita) conversa com policiais: heroísmo

Eu acho...

Arquivo pessoal



“O terrorista escolheu o dia de Yom Kippur, quando os judeus de Manchester e de todo o mundo praticam o jejum e o arrependimento, além de orarem. Eu diria que os desdobramentos no Oriente Médio afetam o aumento no ódio contra os judeus. É algo que, definitivamente, tem um envolvimento com o que ocorreu aqui.”

Josh Aronson, 39 anos, jornalista, vizinho e frequentador da sinagoga atacada, em Manchester

X/Reprodução



Vídeo mostra policiais cercando o suspeito, antes da execução

Ódio em ascensão

O Reino Unido tem enfrentado um aumento no número de incidentes antissemitas nos últimos anos. A organização judaica Community Security Trust (CST) registrou 1.521 incidentes antissemitas durante os primeiros seis meses de 2025, uma redução em comparação ao recorde de 2.019 registrados no primeiro semestre de 2024, após o ataque do movimento islâmico palestino Hamas a Israel de outubro de 2023. O número de incidentes este ano é o segundo maior, segundo a organização beneficente, que monitora o antissemitismo no Reino Unido desde 1984.

e honrado, que se doa para a comunidade. Além de ser um líder religioso, ele mantém um projeto que oferece moradia a pessoas necessitadas. Também encampa o diálogo interreligioso entre judeus e pessoas de

outros credos”, disse o jornalista.

Em pronunciamento à nação, o primeiro-ministro do Reino Unido, Keir Starmer, admitiu estar “horrorizado” e declarou que “um indivíduo desprezível cometeu um

ataque terrorista contra judeus apenas por serem judeus”. “Foi um ataque ao Reino Unido, por causa de seus valores. Muitos judeus escolheram esta nação como um local de refúgio, fugindo do pior mal infligido ao seu povo. (...) A cada pessoa judaica neste país: prometo que farei de tudo ao meu poder para garantir a segurança que vocês merecem”, afirmou. Starmer avisou que o Reino Unido vencerá o “auge” do antissemitismo. “Não é um ódio novo, é algo que os judeus sempre experimentaram. Devemos ser claros: é um ódio que volta a crescer e devemos vencê-lo mais uma vez”, comentou. O rei Charles III revelou-se “profundamente chocado”.

“Fraqueza”

Por sua vez, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, divulgou comunicado em que lamentou o “bárbaro atentado terrorista” em Manchester e responsabilizou, indiretamente, Starmer. “Como alertei na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas: a fraqueza diante do terrorismo apenas traz mais terrorismo. Somente a força e a unidade podem derrotá-lo.” O ataque em Manchester também ocorreu a apenas cinco dias do segundo aniversário do massacre de 7 de outubro de 2023 e do início da guerra na Faixa de Gaza.

ORIENTE MÉDIO

Netanyahu elogia a interceptação de flotilha

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, usou o próprio perfil na rede social X para enaltecer o trabalho dos militares que impediram 41 barcos da flotilha humanitária Global Sumud — termo “resiliência”, em árabe — de romperem o bloqueio à Faixa de Gaza. “Elogio os soldados e comandantes da Marinha que realizaram suas atividades durante o Yom Kippur (feriado sagrado judaico) da maneira mais profissional e eficiente. Sua importante atividade impediu que dezenas de embarcações entrassem na zona de guerra e repeliu uma campanha de deslegitimação contra Israel”, escreveu.

A agência France-Presse, ao citar um funcionário do governo israelense, divulgou que mais de 400 ativistas a bordo das embarcações foram detidos pelas forças navais do país, em uma operação que durou cerca de 12 horas. “O pessoal da

Marinha israelense frustrou uma tentativa de incursão em grande escala por parte de centenas de pessoas a bordo de 41 embarcações, que haviam declarado sua intenção de violar o bloqueio marítimo legal na Faixa de Gaza.”

“No fim da operação, mais de 400 participantes foram transferidos com total segurança para o porto de Ashdod, para que a polícia israelense assumisse a responsabilidade sobre eles”, acrescentou. Os ativistas, políticos e jornalistas que faziam parte da missão serão deportados para a Europa. Entre eles, a ativista sueca Greta Thunberg e o brasileiro Thiago Ávila, além de outros 11 brasileiros.

“Temos 12 integrantes da delegação brasileira detidos em Israel. Isso inclui a deputada federal Luizianne Lins (PT-CE), a vereadora Mariana Conti (PSOL-SP) e Thiago Ávila. Não temos informação sobre

Ministério das Relações Exteriores de Israel



Greta Thunberg e o brasileiro Thiago Ávila, a bordo de navio de Israel, após detenção

as condições de saúde deles e nenhum contato. Inicialmente, Israel não permitiu o acesso consular e dos advogados. Depois, os advogados nos informaram que conseguiram entrar em contato e que eles estão detidos no porto militar de Ashdod”,

contou ao **Correio** Lara Souza, coordenadora da delegação brasileira da Global Sumud. “Dois ativistas estão desaparecidos: João Aguiar e Miguel de Castro. O governo israelense não permitiu o auxílio imediato da Embaixada do Brasil em Tel Aviv.”

Souza defende a imediata libertação dos brasileiros. “A deportação aplica-se somente a pessoas que tentaram entrar ilegalmente no território. A flotilha foi interceptada em águas internacionais”, ressaltou. Em nota, o Ministério das Relações Exteriores brasileiro afirmou condenar, “nos mais fortes termos, a interceptação ilegal e a detenção arbitrária, por Israel, na última madrugada, em águas internacionais, das embarcações que integram a Flotilha Global Sumud, assim como a detenção ilegal de ativistas pacíficos, dentre os quais 15 nacionais brasileiros.” “O Brasil exorta o governo israelense a liberar imediatamente os cidadãos brasileiros.”

Hamas

Termina amanhã o prazo dado pelo presidente dos EUA, Donald Trump, ao Hamas para que responda sobre o plano de paz. O grupo estaria propenso a rejeitar os termos, por entender que levariam à extinção do grupo. O plano prevê a libertação dos reféns, a retirada de Gaza, o desarmamento do Hamas e a criação de um governo transitório. (Rodrigo Craveiro)

Palavra de especialista

Radicalização sintomática

O ataque com faca e veículo contra uma sinagoga judaica no Reino Unido não é nenhuma surpresa. Tanto a islamofobia quanto o antissemitismo cresceram exponencialmente após o massacre liderado pelo Hamas no sul de Israel, que matou 1.200 pessoas e fez 251 reféns, desencadeando uma guerra devastadora. A relutância do Hamas em libertar os reféns, a resposta esmagadora do Exército israelense e os crescentes protestos radicalizaram ainda mais as comunidades no Reino Unido e em outros lugares.

O atentado ocorreu no Yom Kippur e enviou uma mensagem direta à comunidade judaica e ao governo israelense. Em resposta, Israel receberá apoio significativo de governos, especialmente ocidentais, para combater a ameaça do terrorismo, tanto no país quanto no exterior. Enquanto a islamofobia e o antissemitismo não forem controlados nos mundos virtual e físico, tanto a radicalização quanto a radicalização recíproca impulsionarão esse ciclo de ódio e violência.

Tais ataques se tornarão mais comuns até que o Hamas e seus aliados sejam desmantelados, seus patronos sejam incapacitados ou dissuadidos, as preocupações de segurança israelenses e as aspirações palestinas sejam atendidas, e a guerra chegue ao fim.

Rohan Gunaratna, editor do Handbook of Terrorism in the Middle East (“Manual do Terrorismo no Oriente Médio”)